

A VIVÊNCIA DE UM ALUNO COM NECESSIDADES ESPECIAIS NUM CURSO SUPERIOR A DISTÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA DE SENTIDO COMPARTILHADA

Prof. Dr. Vitor Gomes-Ifes¹
Prof. Ms. Giovany Frossard Teixeira-Ifes²

INTRODUÇÃO

Falar do sentido, do sentimento é fundamentalmente evidenciar a percepção do EU em relação a algo. Neste aspecto compreender a realidade a partir do olhar do outro é algo fundamental para analisarmos nossas práticas. Contudo, o que torna a compreensão mais profunda da realidade é justamente a experiência de sentido compartilhada, ou seja, o desvelamento da experiência dos lados envolvidos, do EU e o TU, do NÓS e o EU.

São a partir dessas premissas que compartilharemos a experiência inicial de (e da) percepção acerca do que foi para nós o desafio de potencializar e proporcionar, apesar(e com) as diferenças, um aluno com necessidades especiais, tendo como ponto norteador a visão dele próprio, sua percepção visão pessoal sobre o curso, modalidade, dificuldades, facilidades e outras, bem como a nossa experiência, do que até então, era novo para nós, uma pessoa com deficiência visual/baixa visão.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é evidenciar a experiência de um aluno com necessidades especiais dentro de um curso superior a distância, desvelando seu sentido/sentido a partir de sua vivência, bem como a nossa vivência a partir de uma experiência nova e desafiadora de proporcionar a inclusão transcendendo aos aspectos da tecnologia assistiva.

1. MÉTODOS

¹ Pedagogo da Diretoria de Educação a Distância do Instituto Federal do Espírito Santo
² Coordenador do Curso de Licenciatura em Informática a distância do Instituto Federal do Espírito Santo

Antes de falar das questões específicas dos métodos utilizados, abordaremos dois aspectos fundamentais para a compreensão destes, primeiro um pouco do histórico do nosso participante de pesquisa, bem como na modalidade de educação a que este participa no caso a Ead. Pois acreditamos como indispensáveis para a compreensão do contexto geral que permeia os aspectos do “suporte” ensino-aprendizagem que efetivamos com o aluno, bem como cremos também como dois aspectos compositivos da nossa abordagem junto a este.

Neste momento, compartilharemos um pouco sobre a história do nosso ator, que denominaremos como Lucas, não apenas como uma forma de preservar sua identidade, mas também por crer que nomes nos trazem sentidos-sentidos envoltos de uma riqueza de significados valiosa. Aqui analogamente ao Lucas bíblico, este Lucas particular como um bom médico, conhece os medicamentos necessários para o seu melhor atendimento. É por meio de seus depoimentos que compreendemos e ofertamos um melhor “apoio” pedagógico de acordo com as necessidades evidenciadas por este.

Conheçamos então um pouco da sua história a partir de suas próprias palavras.

Minha deficiência é causada por uma síndrome hereditária que causa má-formação em diversos órgãos, como coração e olhos. No meu caso, os olhos têm falhas nas estruturas da córnea, íris e no formato do globo ocular. Tenho visão zero no olho direito e há aproximadamente quinze anos surgiu uma catarata cuja remoção cirúrgica é muito arriscada. Por isso, minha visão se restringe a vultos. Consigo ler com auxílio de lupas com ampliação de quinze vezes ou mais e luz forte incidindo sobre o material a ser lido. Procuro realizar todas as tarefas no computador, pois com um monitor de 19 polegadas e uma “lupa eletrônica” de ampliação de trinta vezes, tenho autonomia total e realizo qualquer tarefa que uma pessoa sem deficiência faria, embora minha velocidade seja obviamente bem menor.

A partir de minha alfabetização, nasceu o único vício saudável que existe: o gosto pela leitura. Apesar da deficiência visual, passei a ler muito. No “ginásio”, adorava ir à biblioteca da escola pesquisar sobre assuntos que não eram abordados em sala de aula.

Aos 16 anos fui trabalhar no escritório de um supermercado – por imposição de meu pai, pois o que eu queria mesmo era estudar e ser professor. Esse sonho ficou difícil de ser realizado, pois eu trabalhava de 7 da manhã até 18:30, 19:00, inclusive aos sábados. E naquela época não havia as facilidades de hoje: transporte escolar, faculdades em quase todas as cidades, bolsas de estudo. Só os filhos da elite de Santa Maria cursavam o ensino superior, pois as famílias possuíam casas em Vitória e podiam custear as despesas.

Em 1992 fui convidado a lecionar Química e Física para o 2o Grau em Designação Temporária. Devo ressaltar que na ocasião ainda não surgira a catarata e eu conseguia ler material ampliado sem usar lupa – bem próximo dos olhos – e conseguia me locomover sozinho pelas ruas. Foram dez anos como professor, lecionando Química, Física, Inglês, Estatística, Processamento de Dados e Informática. Nos últimos três anos desse trabalho, me desiludi com o “clima permissivo” que o Estado imprimia à Educação e deixei a docência.

Hoje, minha esposa tem uma LAN House e uma pequena loja de informática, onde eu a acompanho e ajudo, mas me considero apenas um estudante.

Depois de 25 anos sem realizar uma prova, resolvi prestar vestibular, pois como o curso era a distância, isso me permitiria usar minha desenvoltura com o computador para realizar as tarefas e o estudo. Provavelmente eu não faria o curso se não fosse a distância.

Por se tratar de um curso a distância, com muita utilização do computador, e como tenho um computador configurado especificamente para minha deficiência, não estou enfrentando grandes dificuldades. Estas surgem, no entanto, nos encontros presenciais, porém, não chegam a afetar o estudo.

Como não sou capaz de chegar ao Polo sozinho e nem me locomover por suas dependências, minha esposa me acompanha.

Infelizmente, nesses encontros, dependendo quase exclusivamente da audição e, assim, como tenho o conteúdo já aprendido, seriam uma perda de tempo, não fosse pelo contato com os colegas e tutores, que, apesar de limitado, ser interessante. Conheço seus rostos através das fotos no ambiente virtual e os localizo na sala de aula pela voz, procurando olhar em sua direção quando falam.

Sempre procurei estudar fora da sala de aula, criei hábitos de estudo que não dependem da relação pessoal direta aluno/professor. Sou autodidata. Aprendi programação de computadores sozinho, apenas por meio de muita leitura e pesquisa. Por isso valorizo muito o material didático, que, deve ser bem elaborado e é o ponto chave em qualquer aprendizado. Não tenho necessidade de um professor me ensinando, e por isso o ensino a distância é ideal para mim. A maioria das pessoas, porém, necessita de pelo menos um contato pessoal com o professor e os colegas, o que esse curso de graduação oferece com os encontros presenciais.

Depois da apresentação de Lucas é necessário contextualizar a modalidade educacional na qual ele está inserido, ou seja, num curso de licenciatura à distância. Neste aspecto é preciso compreender que a educação a distância evidencia alguns aspectos e singularidades bem específicas em relação a outras modalidades educacionais, uma delas é o rompimento com o paradigma do tempo e espaço. Num mundo, em qual a tecnologia toma parte cada mais do dia-a-dia de cada pessoa; os espaços-tempo e interações sociais são ressignificadas; é a partir desse contexto que emerge a Educação a distância.

Existem controvérsias quanto ao uso do termo alguns preferem educação a distância, por acreditarem que esta expressão evidência a existência de processo educacional presente e cristalizado. Contudo, não necessariamente no mesmo espaço geográfico. Já a expressão ensino a distância, para os partidários da concepção anterior denota uma relação distante entre o saber e o indivíduo, o que não deve ser o objetivo da EaD.

Indiferente a essas controvérsias, nos propomos a uma outra reflexão, sobre o termo a distancia. Em termos de definição é espaço entre dois pontos. Podendo ser medida em quilômetros, metros, centímetros e muitas outras unidades.

Mas como medir o espaço quando este é virtual?

Sendo assim, a noção de distância esta aliada a uma concepção de espaços físicos. Ou ainda de uma noção cartesiana de pontos que convergem a um local específico. A partir da

criação de espaços virtuais as noções de espaço-tempo simplesmente não existem; sendo assim o local é universal e virtual; não esta aqui ou ali; mas em qualquer ponto. Este é um momento de quebra de paradigmas, no qual, até mesmo conceitos sócio-historicamente internalizados por todos, ganham a necessidade de re-significação e contextualização.

Desta forma, o primeiro paradigma que um estudante da EaD, é a noção de distância, a ruptura desta como algo físico, devendo dentro de uma perspectiva de EaD a ser compreendida como inexistente. Ou melhor, este só existe quando o aluno não esta dentro do seu Ambiente Virtual de Aprendizagem-AVA.

Quanto ao segundo, é a perspectiva de autonomia, pois na EaD é o aluno que faz o seus horários; obviamente que existem prazos a serem obedecidos para envio de atividades e termino da disciplina, contudo, em relação aos horários de estudo, é o próprio aluno que define em quais momentos poderá fazê-lo e, com isso, sua autonomia é muito maior no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, o aluno quando adentra a educação a distância depende de um período de ambientação, que obviamente será relativo à singularidade e particularidades de cada um, e com isso, tendo que transformar concepções, muitas vezes, já cristalizadas do ensino presencial, como por exemplo, o contato diário de forma presencial com o seu professor. Já que na EaD os contatos se dão a partir do AVA com mediação dos tutores a distância. No caso específico de Lucas, havia um fator extra, ele tem uma perda considerável de acuidade visual, cerca de (80 a 90%), tendo assim ambliopia.

Conforme Sá et al (2010, p. 16):

A definição de baixa visão (ambliopia, visão subnormal ou visão residual) é complexa devido à variedade e à intensidade de comprometimentos das funções visuais. Essas funções englobam desde a simples percepção de luz até a redução da acuidade e do campo visual que interferem ou limitam a execução de tarefas e o desempenho geral.

Assim, em princípio aquele ambiente novo, significou, num primeiro momento, uma certa preocupação neste, de forma que neste primeiro instante ele chegou a requisitar uma pessoa para que ficasse com ele ajudando na realização das tarefas.

Contudo, apesar de ser a opção mais fácil, não queríamos soluções paliativas, pelo contrário, aquele era para nós um momento desafiador, para adaptações de metodologias e práticas pedagógicas. Neste sentido, procuramos o aluno e a partir de suas falas adaptamos nossos procedimentos de ensino e aprendizagem de forma a proporcionar a este suporte para que este pudesse desvelar a todos o seu potencial.

Nosso esquema de ação se baseou então em três momentos:

- A) **Entrevista avaliativa** – na qual tentamos compreender a partir das falas de Lucas o que efetivamente ele considerava como necessário para o seu aprendizado mais significativo.
- B) **Análise reflexiva** – momento em que pedagogos, designer instrucionais, coordenador de curso, tutores e coordenador de tutoria, junto refletiram, não apenas sobre o evidenciado pelo aluno, mas também, como seriam ações efetivamente mais sólidas não apenas para Lucas, mas para o atendimento futuro de outras pessoas com as mesmas particularidades e necessidades especiais deste.
- C) **Plano de ação** – A partir dele desempenhamos ações pró-ativas para a melhor forma de exercer um suporte de acordo com as suas necessidades, sem o intuito de servir como “moleta”, ou seja, de um anteparo no qual, sem ele o indivíduo cai, mas pelo contrário, procurando meios de potencializar sua autonomia e empoderamento.

Dentro do primeiro momento da entrevista avaliativa, Lucas nos evidencia a necessidade de ter consigo uma pessoa que possa ler para ele os textos no Ambiente Virtual de Aprendizagem, material impresso e avaliações, ele propôs a própria esposa para exercer tal papel. Ele evidenciava que essa possibilidade seria fundamental para ele, no sentido de exercer o papel de seus olhos, já que conforme suas próprias palavras: seus outros sentidos funcionavam muito bem.

Perguntamos a ele qual era exatamente a sua deficiência e que limitações essa oferecia a si, a partir disso Lucas expôs a perda considerável de acuidade visual (conforme descrito anteriormente), mas que ainda assim conseguia ler quando as letras eram a partir da fonte 16, e que tinha dificuldade para ler quando não havia um certo contraste de preto e branco (ao invés de outras cores) a partir daí vimos que era possível uma adaptação do AVA, bem como do material impresso (provas e apostilas).

Todos da equipe sentiram que este era o momento de ouvi-lo, muito além de aspectos técnicos de ações ele precisava “sentir” o apoio da equipe (ROGERS, 1987), e mais que estudar a distância não significa ausência de suporte, mas pelo contrário, que havia um grupo de profissionais voltados que pensavam no atendimento melhor possível de suas necessidades.

Nosso segundo momento foi envolto das palavras de Lucas, a partir destas refletimos se realmente disponibilizar uma pessoa era o apoio suficiente. Ou se serviria apenas de um apoio paliativo e temporário. Por fim, num consenso resolvemos não disponibilizar essa pessoa, mas fazer algumas adaptações, utilizando alguns recursos óticos e ou não óticos (SÁ et al, 2010) no sentido de evidenciar o sentido real de uma das características que compreendemos a EaD como potencializadora de autonomia no indivíduo.

A partir daí exercemos três ações com Lucas:

- A) Adaptação de material impresso
- B) Adaptação de AVA
- C) Estímulo ao uso de lente de aumento

Com relação ao material impresso que é composto de apostilas por disciplina, começamos a partir do trabalho do design instrucional a orientação dos professores a fazer tal material com fontes maiores, a partir do tamanho 16, tendo como princípio norteador à questão da acessibilidade (SASSAKI, 1999). E com isso, facilitar sua leitura do dele, o mesmo

procedimento foi adotado também com as provas impressas. Outra adaptação realizada foi de realizar um maior contraste entre preto e branco, evitando o uso de outras cores, pois isso dificulta a visualização e melhor distinção entre imagens e letras.

Nosso ambiente virtual foi adaptado, recurso que já fazia parte dos nossos planos anteriormente, proporcionando acessibilidade universal, à medida que existem recursos para o aumento das letras, recurso sobre o qual Lucas teve a possibilidade de vivenciar e descreveu como facilitador de seu processo de leitura.

O terceiro recurso utilizado foi o estímulo a utilização de uma lente de aumento para Lucas, com o intuito de contribuir para o processo de aprendizagem deste. Na verdade esse recurso já era utilizado anteriormente por ele, mas a sua utilização para as atividades do curso foi uma de nossas concepções como contribuidora a facilitação do processo de leitura dentro e fora do AVA.

Nosso objetivo não era apenas disponibilizar tecnologia inclusiva a Lucas, mas também, caminhar em direção ao que consideramos uma possibilidade de potencialização da inclusão, nos referimos a subjetividade inclusiva (GOMES; PINEL, 2005), que evidencia a sensação de inserção dentro de algo, neste caso, no curso de licenciatura, queríamos fazê-lo bem como todos os alunos, evidenciar a noção de inserção e estimular a participação e contribuição dentro do curso. Afinal, conhecimento acadêmico se dá pela potencialização de um universo de saberes e discussões à medida que cada pessoa evidencia seus saberes de lugares e formas diferentes.

É preciso deixar claro, que depois de decido as ações que tomaríamos diante a Lucas, apresentamos a ele nossos procedimentos, e este acenou como uma possibilidade positiva e que provavelmente o ajudaria a lidar com os conteúdos do curso.

2 RESULTADOS

Em termos de resultados podemos afirmar a partir de dados de nosso sistema acadêmico, bem como das falas de tutores que o desempenho de Lucas é muito bom, sendo considerado um alunos com melhor desempenho no curso. Sua participação nos fóruns evidencia sua compromisso e seriedade em relação a sua própria aprendizagem, cumprindo tarefas e atividades, e estando numero considerável de horas no AVA.

Sua participação é sempre muito pontual, evidenciando seu senso crítico e capacidade analítica de realidade. Conforme palavras de um dos envolvidos no processo de aprendizagem dele: *ele é um dos alunos que devemos levar em consideração as suas observações.*

Veamos o boletim de Lucas:

BOLETIM

ANO:

PERÍODO:

Componente Curricular	CH	Turma	T. Faltas	M Fin al	NS	F	PF	F	MPF	Situação
Metodologia de aprendizagem em EaD - Licenciatura	45	94 - 20092.LCINF .1	0	100	0				100,0	Aprovado
Introdução a Informática - Licenciatura	60	94 - 20092.LCINF .1	0	87	87				87,0	Aprovado
Lógica Matemática - Licenciatura	60	94 - 20092.LCINF .1	3	94	94	3			94,0	Aprovado
Língua Portuguesa - Licenciatura	60	94 - 20092.LCINF .1	0	93	93				93,0	Aprovado
Sistemas Operacionais - Licenciatura	30	94 - 20092.LCINF .1	0	95	95	0			95,0	Aprovado
Aplicativos Computacionais - Licenciatura	30	94 - 20092.LCINF .1	0	100	100	0			100,0	Aprovado

Média das disciplinas: 94,83 Rendimento global: 0,00 Situação: Aprovado

Parecer:

Como podemos ver seu coeficiente é próximo ao máximo, ou seja: 94,83. Foi aprovado em todas as disciplinas e teve um número mínimo de faltas durante o curso. Neste sentido, e de acordo com as falas do próprio Lucas, nosso trabalho o ajudou a exercer o potencial que ele já tinha. Neste sentido, nos sentimos muito gratificados nossas ações terem ajudado no desempenho de um aluno, bem como potencializado sua autonomia diante ao processo de ensino e aprendizagem, à medida que este não precisou de uma pessoa para ler seus textos, pelo contrário, ele mesmo assim o fazia.

3 CONCLUSÕES

O que realizamos com Lucas foi a consumação de um trabalho conjunto, no qual, ele participou deste exercendo uma participação ativa no processo. Não houve transformação, mudança, ou nada parecido do que é o próprio Lucas. Pelo contrário, o que foi realizado é que mediados pela tecnologia, procuramos proporcionar a este exercer seu potencial. Dentro deste processo procuramos tornar o nosso AVA mais acessível e pedagogicamente atraente(a todos), bem como a disponibilização de material impresso específico e compatível com as características de Lucas.

Sabemos que precisamos cada vez mais nos preparar, planejar e adquirir softwares e equipamentos que ajudem ao indivíduo no desenvolvimento de todo o seu potencial. Mas apenas isso não é o bastante, são necessárias disciplinas com metodologia atraente e material impresso que sirva como suporte a um AVA facilitador de aprendizagem. E é claro o primordial: fator humano, constituído pelas interações envolvidas de um clima de cooperação e aprendizagem mútua entre tutores, professores, alunos e demais componentes da equipe pedagógica.

Assim, o contato humano, fundamental em todas as modalidades de educação, não deixa de exercer esse papel ímpar na EaD, sendo que nesta, também, devemos proporcioná-lo e

estimulá-lo, seja como uma forma de comunicação escrita que exerça a aproximação entre aluno e o tutor a distância; seja por um diálogo aberto, motivador, democrático, bem como da utilização de metodologias crítico-reflexivas realizadas pelo tutor presencial, tutor a distância e professor especialista com seus alunos.

REFERÊNCIAS

GOMES, V. ; PINEL . **Subjetividade inclusiva: a busca de um conceito partir de pressupostos fenomenológicos**. Anais do II Congresso Brasileiro de Educação Especial/ II Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Construindo o conhecimento. São Carlos-SP: EDUFSCAR, 2005.

ROGERS, Carl. **Torna-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SÁ, Elisabete Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento Educacional especializado**. Disponível em:<
http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_e_dv.pdf >. Acesso em: 22 mar. 2010.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão – Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1999.